

Renascimento *versus* Reconquista

Em 2020, numa edição em que o Festival praticamente se restringiu a criações portuguesas, o colectivo La Tristura – de Celso Giménez, Violeta Gil e Itsaso Arana – foi uma das duas companhias estrangeiras que se apresentaram em Almada. *Renascimento*, que marca o regresso da companhia espanhola La Tristura ao Festival, nasceu da observação de um exército de formigas com que os criadores se deparavam quando chegavam a um palco para preparar um espectáculo: as equipas técnicas que preparavam a cena. Um mundo feito de luzes, sonoplastia, madeira, panos, andaimes, cargas e descargas.

É a estes trabalhadores, sem os quais um espectáculo não se faz, que esta peça dá voz. Enquanto prepara o palco, esta equipa de técnicos discute de coração aberto os quase cinquenta anos de democracia em Espanha. Quando a

montagem estiver terminada para receber os actores, irão esconder-se. Mas levam para casa tudo o que construíram com a ferramenta do diálogo. Para os La Tristura, o teatro é o sítio ideal para, em cumplicidade, discutir o passado e melhorar o futuro, pois é aí também que ninguém faz nada sozinho. Algo que, por vezes, esquecemos. É por isso que, face ao recuperado conceito de 'Reconquista' pela extrema-direita espanhola, os La Tristura contrapõem a palavra 'Renascimento'.

São os próprios criadores que assumem uma certa inocência nas suas intenções. Mas quem sabe se, face a sociedades cada vez mais crispadas, este seja o tom mais eficaz para inverter a situação?

Para o diário espanhol *El país*, "esta montagem vale pela sua simplicidade", ao passo que a RTVE fala de "uma ode ao esforço partilhado e colectivo."



Em *Renascimento* os protagonistas são os técnicos de teatro e a democracia em Espanha

© Mario Zamora

Alteração de espectáculo dos Artistas Unidos

Por um dos intérpretes ter testado positivo à Covid-19, os Artistas Unidos não poderão apresentar o espectáculo *Taco a taco*. Em sua substituição subirá à cena a peça *A coragem da minha mãe*, com encenação de Jorge Silva Melo. O calendário e o horário das sessões não se alteram, e os bilhetes para este novo espectáculo são os mesmos do anterior.

Este texto, estreado em 1979, consiste na resposta subversiva de George Tabori à aplaudida *Mãe Coragem*, de Brecht. Tendo sido originalmente escrita como um conto, a peça consiste numa homenagem à mãe do dramaturgo húngaro e está impregnada de doçura e lirismo, honrando uma mulher que conseguiu convocar a sua coragem num momento inesperado, salvando-se do inferno.

Tendo como ponto de partida a história real da sua mãe, Tabori relata como Elsa, com cinquenta e cinco anos, sendo presa em Budapeste no Verão de 1944 e deportada juntamente com quatro mil judeus, consegue salvar-se, defendendo que a sua prisão é ilegal. Em vez de seguir para Auschwitz, dá por si num comboio de regresso a Budapeste.

Em *A coragem da minha mãe* não faltam episódios cómicos, de sugestão surreal e, muitas vezes em tom de farsa. Na verdade, os textos de Tabori costumam fazer rir ou, pelo menos, repetidamente sorrir. Aquilo a que chama vagamente a sua "abordagem dialéctica" consiste, na verdade, num teatro que promove a subversão, a interpolação, a fragmentação e a inversão de expectativas.



Para o autor, esta peça era "uma paródia a um conto de fadas dos tempos modernos"

© Jorge Gonçalves

Shakespeare hoje

Peter Kleinert abriu ontem a série de Colóquios na Esplanada. O encenador alemão e Maria João Brilhante estiveram à conversa com o público sobre a sua encenação de *Noite de Reis*, de Shakespeare, que dirigiu para a CTA. Falou-nos sobre a circunstância de esta estreia ter sido adiada dois anos devido à pandemia: “Quando regressámos, em Maio passado, o Mundo tinha mudado. A primeira coisa que pedi à cenógrafa foi que ‘sujasse’ a cena. A Ilíria, uma ilha paradisíaca, passou a estar coberta de plástico”.

Não foi só do ponto de vista cénico que a actualidade se impôs à peça. Kleinert pediu aos actores

que, com as suas acções, com os seus corpos, absorvessem o texto e o aproximassem dos dias de hoje: “Confio menos nas palavras de Shakespeare do que nos corpos dos actores”. Corpos esses que foram também fundamentais para o tratamento das questões de género que o espectáculo levanta: “Essa é uma especificidade do teatro isabelino, que parece ter sido escrito ontem. Shakespeare deu-nos a base para a discussão dos temas de hoje”.

Em cena, sempre que há diálogos de amor, uma tela devolve-nos a sua projecção em *close ups* de vídeo. Para Maria João Brilhante, está-se perante “um efeito *bigger*



© Rui Carlos Mateus

than life próprio do cinema americano dos anos cinquenta”. O público presente interessou-se ainda pelo tema da música, executada ao vivo pelo argentino Ariel Rodríguez: para o encenador, neste espectáculo a música é um elemento tão importante quanto o texto dito pelos actores.

MEU FESTIVAL Surpreender

Vivo em Portugal há 39 anos, e não me lembro em que ano assisti pela primeira vez ao Festival, mas foi muito antes de ser construído o Teatro Azul. Foi um espectáculo de rua, e uma multidão acompanhava os actores, que ora apareciam inesperadamente numa varanda, ora num beco ao virar a esquina. Grande espectáculo, com muito humor.

E é exactamente essa a minha expectativa todos os anos: ser invadida por sensações e ideias, por vezes nunca antes experimentadas. Confio plenamente nas escolhas da direcção artística do Festival: quero ser surpreendida. No ano passado foi a peça *Aurora negra* o meu ponto alto: três fabulosas artistas que, com sabedoria, humor e muita presença no palco, conseguiram questionar atitudes que eu – e talvez não só – julgava, não terem nada a ver comigo. Gosto do ambiente descontraído do Festival, da música ao vivo, e do público que



espera pacientemente em caracol antes de entrar no Palco Grande até que (finalmente!) se ouve o coro de Verdi. | **Regina Urban, 72 anos, professora**

Como é que...

Lother Berfelde nasceu em Berlim em 1928. Mas quando morreu, em 2002, o mundo conhecia-a como Charlotte von Mahlsdorf. Um travesti que desafiou o nazismo e o regime soviético.

“Como é que foi possível? Como é que esta mulher teve sempre um estatuto especial, nunca sendo verdadeiramente incomodada? Como é que foi possível amar quem quis?”. Foi este estatuto de intocável que intrigou Carlos Avilez quando Marco D’Almeida lhe falou da peça de Doug Wright a que assistiu em Nova Iorque. *Eu sou a minha própria mulher* foi o

pretexto para voltarem a trabalhar juntos, num texto que o encenador define como um grande desafio: “Só um grande actor conseguiria em duas horas interpretar estas trinta e cinco personagens”.

Apesar do potencial da própria personagem cénica, a peça não pode ser lida como uma simples biografia. Doug Wright, o autor, conheceu Charlotte, gravou várias entrevistas em registos áudio com mais de três dezenas de horas de duração, e quase desistiu do projecto, quando descobriu que havia zonas obscuras na sua vida: mentiras e provas de espionagem, que a abertura dos arquivos da polícia política da RDA revelou. Um dia decidiu enfrentar a angústia que o consumia: terminar a peça – que



© Ricardo Rodrigues

acabaria por ser premiada com um Tony e um Pulitzer – seria a sua catarse. Para Avilez, é bom que as dúvidas de carácter subsistam: “Esta é a história de um homem que se vestia de mulher. O resto é mistério”.

Carlos Avilez à conversa

Carlos Avilez estará amanhã na Esplanada da Escola António da Costa para mais um colóquio.

O decano dos encenadores portugueses, fundador do Teatro Experimental de Cascais, homenageado pelo Festival em 2019, estará à conversa com o crítico de teatro Rui Monteiro sobre a peça *Eu sou a minha própria mulher* de Doug Wright, em cena até dia 13 no Teatro-Estúdio António Assunção.

Avilez volta a trabalhar com Marco D’Almeida: “Olho para ele e vejo o meu aluno e o imenso actor em que se transformou”.

AGENDA DE AMANHÃ

18:00 | Colóquio
Carlos Avilez
Escola D. António da Costa

18:30 | Teatro
Em casa, no zoo
Incrível Almadense

19:00 | Teatro
Museu Pasolini
Fórum Romeu Correia

20:30 | Música
César Prata
Escola D. António da Costa

22:00 | Teatro
Renascimento
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE
Lasanha
Pudim de peixe com maionese

AMANHÃ
Paella
Bacalhau à Zé do Pipo

